

# O FEMININO PROFUNDO

Aos 34 anos, Leandra Leal estreia na direção com um documentário sensível e forte – e premiado internacionalmente antes mesmo de entrar em cartaz por aqui – sobre a primeira geração de artistas travestis do Brasil

POR MARÍLIA KODIC FOTOS DARYAN DORNELLES

**P**ra quem nasce sob as luzes da ribalta, o êxito na indústria do entretenimento parece predestinado. Com apenas 20 dias de idade, Leandra Leal fazia sua estreia (nos braços da mãe, a atriz Ângela Leal) no palco do Teatro Rival – casa então comandada por seu avô, na Cinelândia carioca, e que agora ela herda. É ali, também, que se passa seu mais recente e audaz projeto profissional: o documentário *Divinas Divas*, seu primeiro trabalho como diretora, que estreia nos cinemas em 22 de junho.

Nele, Leandra narra a história de sua infância no Rival, que se mistura à das “divas” – uma geração lendária de travestis brasileiras da década de 70 formada por artistas como Rogéria, Valéria e Jane Di Castro. O filme acompanha o reencontro do grupo para a montagem de um espetáculo comemorativo, rememorando histórias emocionantes de sua luta por liberdades individuais no Brasil e no exterior, quando revolucionaram o comportamento sexual e desafiaram a moral da época.

Aos 34 anos, somando mais de sessenta papéis na carreira – metade em telenovelas –, a diretora de primeira viagem já colhe louros notáveis com a obra primogênita: *Divinas Divas* venceu os prêmios de Melhor Filme nas votações populares do Festival do Rio e do South by Southwest (SXSW), nos EUA.

“CADA MULHER QUE DIRIGE UM FILME INSPIRA OUTRA A CONTAR SUA HISTÓRIA”

E, como o *showbiz* corre nas veias, Leandra ainda está em cartaz em dois filmes no segundo semestre – *Love Film Festival*, uma história de amor que homenageia o cinema, e *Bingo – O Rei das Manhãs*, cinebiografia de Arlindo Barreto, intérprete do palhaço Bozo. A seguir, ela fala mais sobre carreira, família e sua percepção sobre o Brasil.

***Divinas Divas* é um filme forte, emocionante. Você passou por um processo de transformação ao fazê-lo?** Sim. O filme levou quase dez anos para ser realizado, e eu amadureci como pessoa e artista durante esse período. Tive que estudar, mergulhar nesse processo para conseguir chegar à potência que o filme deveria ter. Ele fala dessas artistas, mas também de mim, de onde vim, do que me constitui, da minha infância no Rival.

**As protagonistas do filme são artistas notáveis, independentemente da questão do gênero. Mas essa questão é justamente o que as torna humanas, reais, cativantes. Por trás das roupas e maquiagem, o que você encontrou? Era o que esperava?** Sim, eu sempre convivi com elas, tenho um olhar privilegiado, íntimo. Elas nunca foram estranhas. Eu queria compartilhar esse meu olhar com o público, queria reverenciar as artistas, mas, acima de tudo, mostrar o ser humano complexo, as ricas histórias de vida por trás de cada uma.

Com mais de 60 papéis na carreira, Leandra Leal dirige *Divinas Divas*, que estreia em junho



**Nem todo mundo consegue entender o porquê da escolha pela transformação – se é uma falta de identificação com o próprio corpo, se é um ato artístico... responder a esta questão por meio do filme era importante para você?** Acredito que cada pessoa tem sua razão, sua motivação pessoal, não se pode generalizar. O meu filme não se propõe a ser um tratado sociológico sobre o tema trans, isso seria impossível de dar conta em apenas um filme. É um olhar íntimo para a vida dessas artistas e para a minha relação com

elas. Acredito que, para este grupo, ser travesti é uma declaração de amor às mulheres importantes na vida de cada uma, e também um gesto artístico.

**O documentário também gira em torno do Teatro Rival, um lugar de vanguarda na história das lutas pelas liberdades individuais no Brasil. É um desafio manter viva sua tradição?** Um grande desafio! Ter um teatro, como minha mãe costuma dizer, não é uma herança, é uma missão. É muito difícil ter um espaço privado

que é ao mesmo tempo público, que é importante para a vida do público e dos artistas. Eu estou tentando seguir o legado, mas também aproximando o Rival de mim, trazendo o teatro de volta, assim como as artistas *drags*.

**O Brasil é o país que mais mata a população LGBTQ no mundo – mas, ao mesmo tempo, somos um povo à vontade com a sensualidade, a carnalidade, a excentricidade. Tem uma frase incrível da Rogéria no documentário: “Sou a travesti da família brasileira”. Como você vê essa dualidade?** O Brasil não assume e trata a sua violência com a gravidade que ela tem. A homofobia no Brasil é assustadora. O carnaval, essa falsa liberdade, limita uma visão real de quem somos, disfarça a doença do ódio e da intolerância.

**Faz muitos anos que vemos você curtindo o carnaval brasileiro. Para você, qual a simbologia por trás da festa?** É um intervalo. Um momento irreverente, bem-humorado da nossa existência. Quem dera essa liberdade durasse o ano todo. O Brasil tem talento para fazer festa e, além do importante aspecto cultural, isso também deveria ser encarado seriamente como uma potência econômica.

**Você se considera uma pessoa espiritualizada?** Sim. Acho que é necessário ter fé para enfrentar os dias de hoje, mas uma fé que estimule o autoconhecimento e o amor ao próximo.

**Mãe de uma menina negra [Leandra e o marido, Alê Youssef, adotaram Julia, aos 2 anos, em 2016], a maneira como você entende – e, hoje, possivelmente vivencia – o racismo mudou?** Sim, agora vejo como o racismo existe de forma velada e constante, infelizmente vejo até crianças reproduzindo comportamentos racistas. Mas estou criando uma mulher que vai ser consciente desse desafio. Espero que ela seja forte o suficiente para lutar, quebrar barreiras e abrir caminhos.

**“O BRASIL TEM TALENTO PARA FAZER FESTA. ISSO DEVERIA SER ENCARADO SERIAMENTE COMO UMA POTÊNCIA ECONÔMICA.”**

**Você vem de uma família cheia de figuras femininas fortes. Como pretende passar isso para a sua filha?** Espero que ela tenha amor próprio, amor pelo nosso mundo, pelo próximo. Que ela seja forte e potente.

**Hoje mais do que nunca, as mulheres da indústria cinematográfica estão se posicionando sobre as desigualdades de gênero no setor. Essa é uma causa com a qual você se identifica?** Com certeza. Vejo atores da minha geração, amigos, que têm muito mais protagonistas na carreira do que eu e minhas amigas de profissão. Precisamos de mais mulheres na direção, não só no cinema. Precisamos contar as nossas histórias sob o nosso ponto de vista, com temáticas e personagens femininos. Cada mulher que dirige um filme inspira outra a contar sua história.

**Você já passou por muitas transformações de imagem. Como descreve seu estilo?** Gosto de moda, admiro vários estilistas, criadores, artistas. Meu corpo está a serviço do meu ofício. Durante os intervalos de trabalho, costumo zerar, ficar mais natural.

**Quais são seus próximos projetos?** Estou num intervalo criativo. Desde que Julia chegou, me concentrei na nossa relação. Terminei e comecei um novo ciclo na vida pessoal e profissional. Estou estudando, criando, me alimentando.

**Qual é seu sonho ainda não realizado?** Envelhecer.



Acima, Rogéria, Camille K e Valéria em *Divinas Divas*. Abaixo, Leandra em *O Lobo Atrás da Porta*, considerado pela Abraccine um dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos.

